

# A Architectura Portugueza

REVISTA MENSAL

DA

## ARTE ARCHITECTURAL

### ANTIGA E MODERNA

Collaborada por architectos e escriptores d'arte portugueza

ANNO VI—N.º 2

FEVEREIRO DE 1913

#### SUMMARIO

Palacete do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. José Maria Posser de Andrade —  
*Mello de Mattos.*  
Projecto do palacete — Architecto sr. *Antonio do Couto.*  
Intercalares III e IV do projecto.

#### A SSIGNATURA (PAGAMENTO ADEANTADO)

Trimestre .....	5000	Para os paizes da união postal	
Semestre .....	10000	Anno .....	40500
Anno .....	30000	Annuncios pela tabella con-	
Avulso .....	7400	forme o espaço	

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
RUA PALMIRA, 58, 2.º  
LISBOA

TYPOGRAPHIA CESAR PILOTO  
38, R. DA CONCEIÇÃO DA GLORIA  
LISBOA

Revista mensal  
d' construção  
e de architectura pratica

# A ARCHITECTURA

# PORTUGUEZA

Editor, Director e Proprietario — **Nunes Collares**

Secretario da Redacção — **Mario Collares**

Composto e impresso na Typ. CESAR PILOTO — 38, R. da Conceição da Gloria, (Avenida)

Foto rafiias de Manuel Manaças — Gravuras de P. Marinho

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PALMIRA, 58, 2.º — LISBOA

## Palacete do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. José Maria Posser de Andrade

No Mont'Estoril

Architecto, Sr. Antonio do Couto

Ha um proloquio português que nunca pôde ser bem aceite por quem isto escreve, porque representa uma detestavel comprehensão da vida individual e da vida económica.

Aconselha aquele aforismo que pretende resultar da sabedoria das nações que se deve possuir «casa onde caibas e terras de que não saibas».

Por isso talvez é que a edificação nacional levou escritos como o sr. Abel Botelho e publicistas como o falecido Rocha Peixoto a negarem a possibilidade de se criar uma estilização para a casa portuguesa.

Este último chegou a uma conclusão negativista depois dum bem elaborado estudo sobre uma casa de habitação construida na rua do Conde, no Porto, pelo engenheiro Ricardo Severo e no entanto reconheceu que ali tinha o autor daquela obra englobado mais duma característica portuguesa, que melhor do que ninguem soube aproveitar na sua dupla qualidade de técnico e de arqueólogo.

O sr. Abel Botelho atribuiu a nota incaracterística da architectura portuguesa á circumstancia de sermos um povo nómada e observou que as duas habitações provincianas que são dignas de registo, a Brejoeira e o palacio Mateus, ambos se filiam na architectura da renascença italiana.

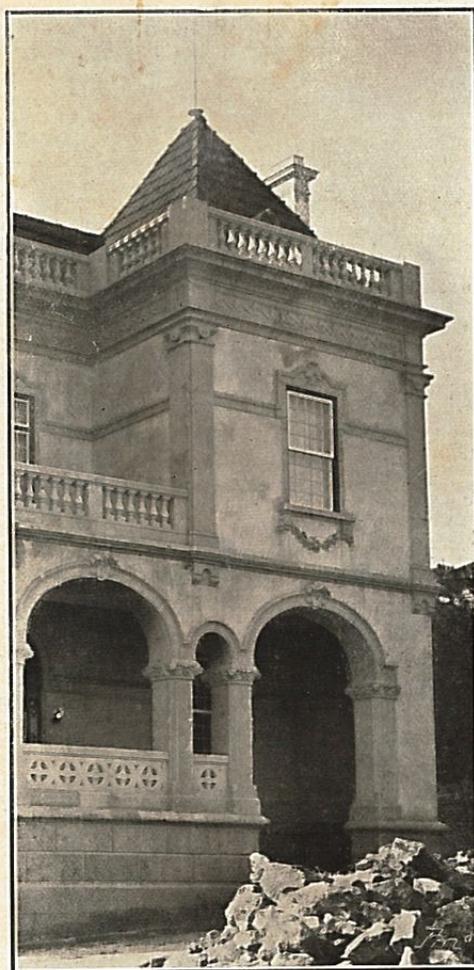
Convém observar que aqueles exemplares architectónicos proveem duma época em que se não admitia que pudesse haver arte fóra da Itália e da Grécia. Foram erigidos quando escrevendo sobre o que mais tarde se chamou *estética*, nome grego que até nós chegou com escala pela Alemanha, que o vulgarizou, o nosso Francisco de Holanda afirmava que, fóra daqueles países, a arte era destituida de *nervo*. Pelo mundo civilizado corriam sem contestação os cânones artisticos de Vitruvio na arquitetura, a lei das tres unidades no teatro, a história vazada nos moldes de Tito Lívio, de maneira que os espiritos mais libertos de preconceitos não podiam eximir-se ás regras que se dizia terem vindo de Roma e Atenas.

Assim é que se explica que Voltaire achasse apenas selvageria nas tragedias de Shakespeare, que Diderot não tivesse olhares sequer para a fachada de Nossa Senhora de Paris ou para a catedral de Ruão.

Assim se compreende a reacção romântica, o prólogo do Hernani de Vitor Hugo, o nunca se conseguir a representa-

ção dos Burgraves, ao passo que se aplaudiam umas sensaborias rimadas, de autores hoje esquecidos, em que tiranos mui pacientes ouviam catilinárias em centenas de alexandrinos, até que chegava uma rima em *oi*, para que o déspota exclamasse:

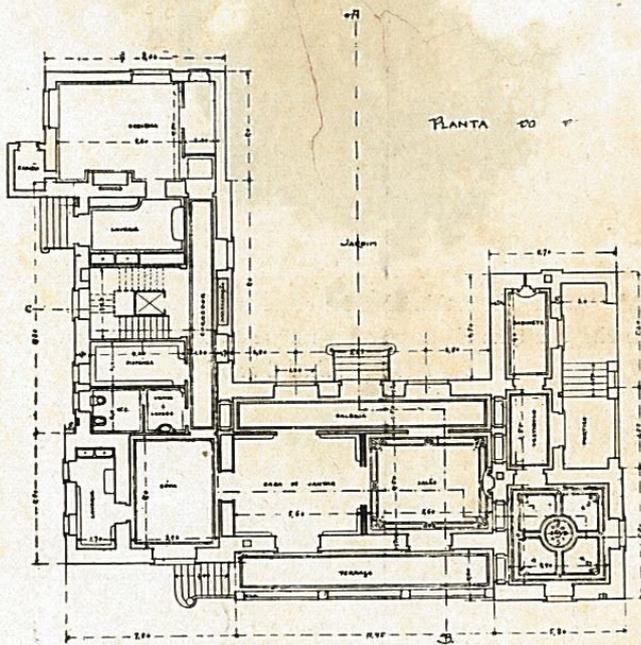
*Eh bien! gardes! à moi!*



Detalhe da fachada lateral, nascente, sobre a rua Alegre

Sugestionados sempre pelo que é estrangeiro, não admira que fossemos copiar á Itália muitas obras de arte e pena foi que não enveredássemos por esse caminho, em lugar de irmos buscar as estilizações que o segundo império viu surgir em Paris, quando o barão de Hausseman rasgava através de pobres bairros os largos *boulevards*, com que enriquecia especuladores, alindando Paris sem dotar a cidade sequer com

uma única perspectiva grandiosa, como o fizera o primeiro Napoleão abrindo ruas e volta do Arco do Triunfo, levantando

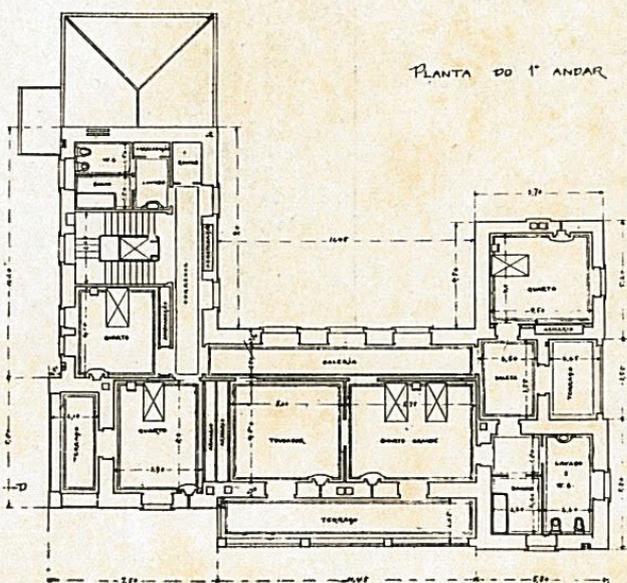


tando a fachada da Madalena ou a da Bolsa friamente imponentes no seu estilo classico.

Entre nós, por largos anos, se copiou a estilização arquitectónica vinda de França, não valendo a pena repetir o que já algures publicou a este propósito quem isto escreve.

A reacção deu-se depois desse escrito, senão completamente, pelo menos com alguma intensidade, certo é que não graças àquela crítica, mas porque se orientara noutro rumo o espirito público.

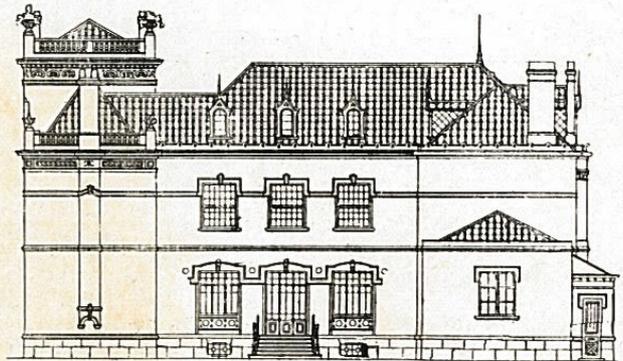
Assim foi que o sr. Dr. José Maria Posser de Andrade



muito justificadamente quis esquecer o estúpido prolóquio que se referiu e mandou fazer no Estoril um palacete em estilização italiana.

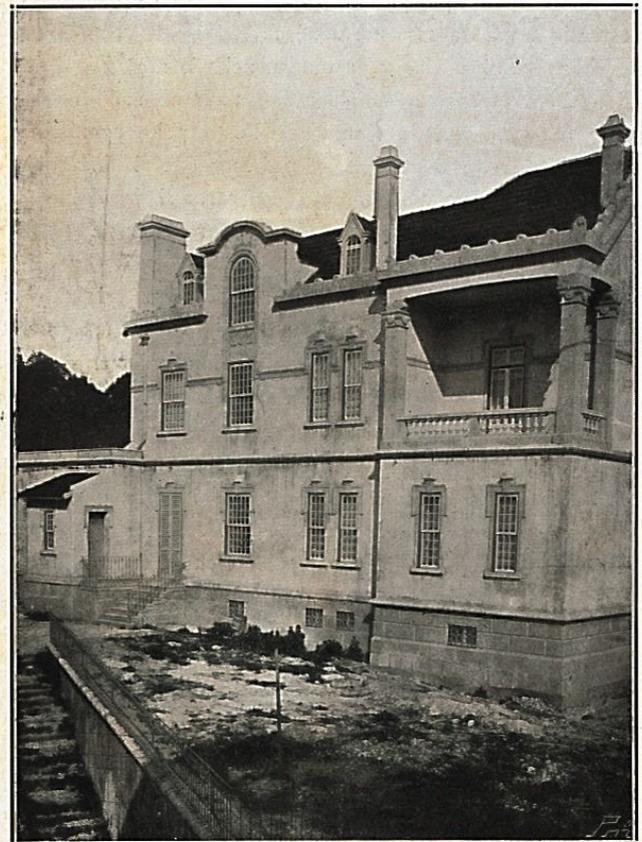
Na risonha paisagem que circunda a Enseada Azul não podia escolher mais adequado estilo architectónico.

O avarandado do primeiro andar, na fachada que deita



*Fachada posterior, lado do norte, sobre a Avenida de Trouville*

para o nascente, quasi escondido entre o torrião, parece destinado ao remanso de quem, ao findar da labuta, contempla, em noite de calma, a lua que surge no horisonte, qual lampada que friamente vem iluminar os sonhos de amor e os odios do ciúme, a dedicação dos que velam pelo enfermo e a maldade



*Fachada do lado do nascente, sobre a Avenida dos Estrangeiros*

dos que escondidos aguardam o descuidoso viandante, para o roubarem, talvez para o assassinare.

Mas num país onde são lindas as noites de janeiro, har-

monias nos trinados do rouxinol as de abril, em que só os ralos quebram o silencio das do estio nas de agosto, e onde o outono caricioso a custo desprende as folhas das árvores, não bastava numa casa de campo uma unica varanda.

Era preciso que se pudesse contemplar o sol escondendo-se por detraz da imensidade glauca do mar, franjando de oiro o horisonte, iluminando os vapores ténues, aérios que flutuam na atmosfera.

Era ainda o estilo italiano que o exigia e tambem a lógica do clima do Estoril.

Não devia contudo a fachada principal deixar de possuir tambem um avarandado, condizendo com a imponência do edificio, mas esse grandioso e podendo acomodar não já quem solitário contempla o ceu ou se entristece com um ocaso do sol, porém os que acodem, como amigos ou tambem como indifferentes onde ha rizos, onde ha o bem estar?

Eis uma pergunta a que não se esqueceu de responder o architecto sr. Antonio do Couto, e, para dar uma nota de intimidade, por debaixo dessa varanda dispoz uma arcaria que abriga dos ardores do sol.

Ali, nas horas de calma canicular repouza-se ao abrigo, aspirando os efluvios da salsugem marinha, filosofando talvez a propósito das velas que branquejam ao longe sobre a superficie das aguas, contemplando as vagas que em espuma se desfazem, vindo abraçar-se ás areias fulvas da praia. E ali precisamente que o *rocking-chair* tem a sua melhor colocação, para que, de cabeça encostada ao espaldar, sem esforço, se contemple o cerulio azul, que o sol ilumina, numa tonalidade alacre, em que se espera ouvir estalar o foguete que o João da Ega queimava, em dia de agosto, em honra de Milciades

aguarda, ávido, sem dar tempo sequer a pulir uma fraze, a buscar o termo apropriado.

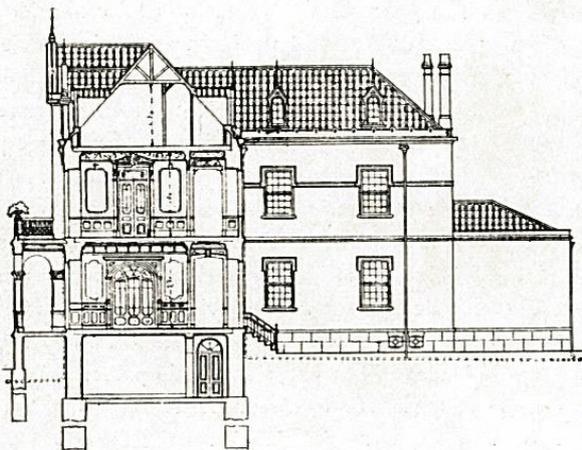
Mas com que direito se ha de ir devassar uma habitação quando bastam os desenhos que o architecto forneceu para explicar a distribuição.



Um trecho da sala de jantar

E depois, no feito provinciano de quem isto escreve, ha sempre o horror de ver casas. Nunca percebeu esse prazer malsão, que é apanagio de alguns lisboetas, de aguardarem outrora o 20 dia de novembro e 20 de maio para entrarem em casas com eseritos.

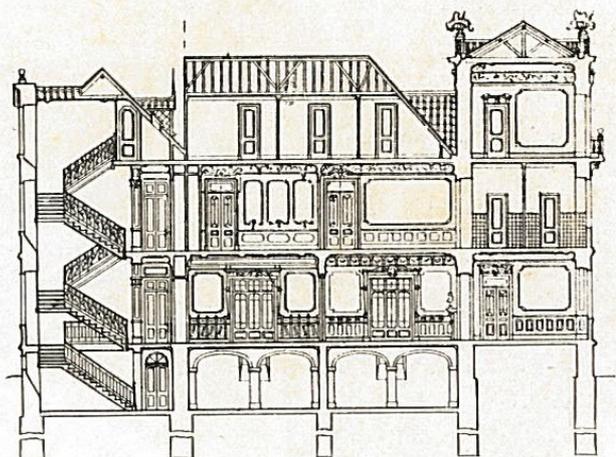
Foi com horror que ouviu contar ha muitos anos a um



Corte A B

ou de qualquer outro dos personagens, cuja memoria vive entre nós atravez das figuras de retórica em que a embrulhou Cornelius Nepos.

Uma casa porém não consta apenas de fachadas e varandas, diz aqui do lado quem vai lendo o que o impressor



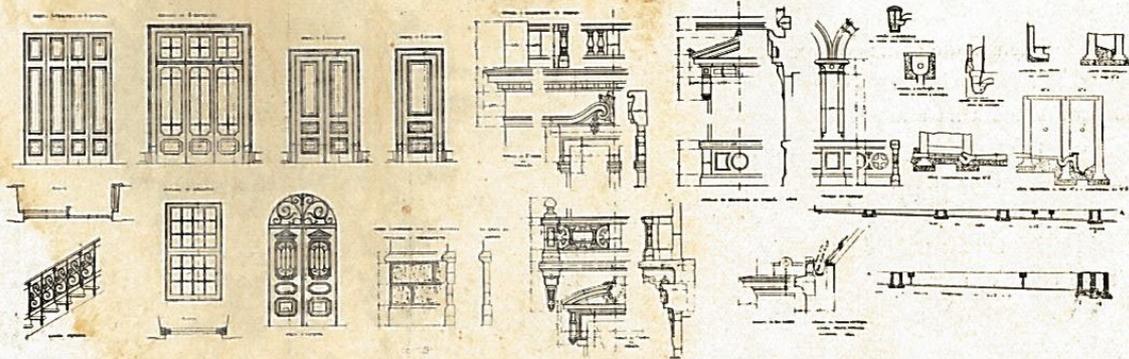
Corte C D

conterraneo que houve uma vez um sujeito gordo, pesando para cima de dez arrobas, que trepou sobre uma mesa para ver se um gancho preso ao tecto estava seguro bastante para ali dependurar um candieiro.

«Quando vi o homem suspender-se ao gancho, disse, ima-

ginei ve lo arrombar, na queda, o tampo da mesa e desaparecer pelo buraco que fizesse, como um diabo de mágica, que tivesse tomado chocolate Matias Lopez. Felizmente o gancho

Orçamento aproximado, cinquenta contos ou, como se diz em moeda nova, cinquenta mil escudos, que muito bem empregados foram, porque é um dever de quem possui bens



Detalhes da construção

aguentou, mas parece-me que foi por isso que ganhei a lezão de coração de que estou sofrendo.

A mania deste amigo de quem isto escreve é ir sucessivamente padecendo de todas as doenças de que falam os tratados de patologia. Na época em que contou a história do homem gordo afirmava que sofria de perturbações circulatórias e por isso morava em casa ao rez-do-chão, para não subir escadas.

Ora como o paginador vem dizer que já não ha espaço para mais descrições, quando deem logar a divagar-se, é em feitio de rol de roupa que se diz que:

Os motivos decorati os são: tonchas, cabeças de creanças com festões nos fechos dos arcos e sob as impostas das janelas.

Toda a cantaria é da região de Tires, proximo de Carcaelos.

Os frisos da sala de jantar, são pintados por Bemvindo Ceia.

Os mosaicos de pedra miuda, imitando os pompeianos, vieram da fabrica inglesa Mintons, Limitada.

As ferragens foram fornecidas pela casa francesa Garnier e outras.

M. Herrmann ocupou-se das instalações electricas e dos para-raios.

Os aparelhos sanitários das lavagens da cosinha e das casas de banho são do estabelecimento inglês Twifords e os de aquecimento, de Labat.

As canalizações de agua fria e os aparelhos sanitarios foram instalados pela casa Julio Gomes Ferreira & C.<sup>a</sup>

Na sala de jantar, tanto o grande movel do topo, como o tecto, lambriz, etc., são de madeira de castanho. Nesta sala, assim como nos quartos de cama e outras dependências, os moveis taes como armarios, gavetões, etc., fazem parte da construção da casa.

Dos trabalhos de escultura desempenhou-se proficiente-mente Francisco Santos.

Toda a obra foi construida pelo sr. Francisco Leitão, de Cascaes.

de fortuna aplica-los por fôrma que desses caudais resulte alguma realização do bélo, que é sempre uma expressão da bondade.

Mello de Mattos.

Antes de terminarmos esta noticia, complementar do interessante artigo acima publicado, devido á pena do nosso illustre amigo, distinto engenheiro e escritor publico, Ex.<sup>mo</sup> Sr. Melo de Matos devemos dar algumas notas que nos sugere a artistica vivenda do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Andrade, tão genialmente concepcionada pelo distinto architecto e nosso presado amigo, Antonio Couto, já conhecido dos nossos leitores por outros artisticos trabalhos aqui publicados nos anos anteriores um dos quaes lhe valeu a concessão do premio Valmor.

A dificuldade de se tirarem as fotografias fez com que elas ficassem um pouco inclinadas, facto que é conhecido dos nossos leitores. A da fachada principal teve de tirar-se de um nivel muito inferior ao plano em que se acha edificado o palacete. A da fachada sobre a rua Alegre teve de tirar-se de um angulo bastante proximo do edificio, de fôrma que para abrange-lo em toda a sua altura, teve de sofrer tambem a inclinação que se nota na gravura. Só havia um meio de evitar o defeito: construir um andaime de alguns metros de alto, de onde, a nivel ou quasi, se tirassem as fotografias, e os nossos leitores calculam o que isso seria de dispendioso!

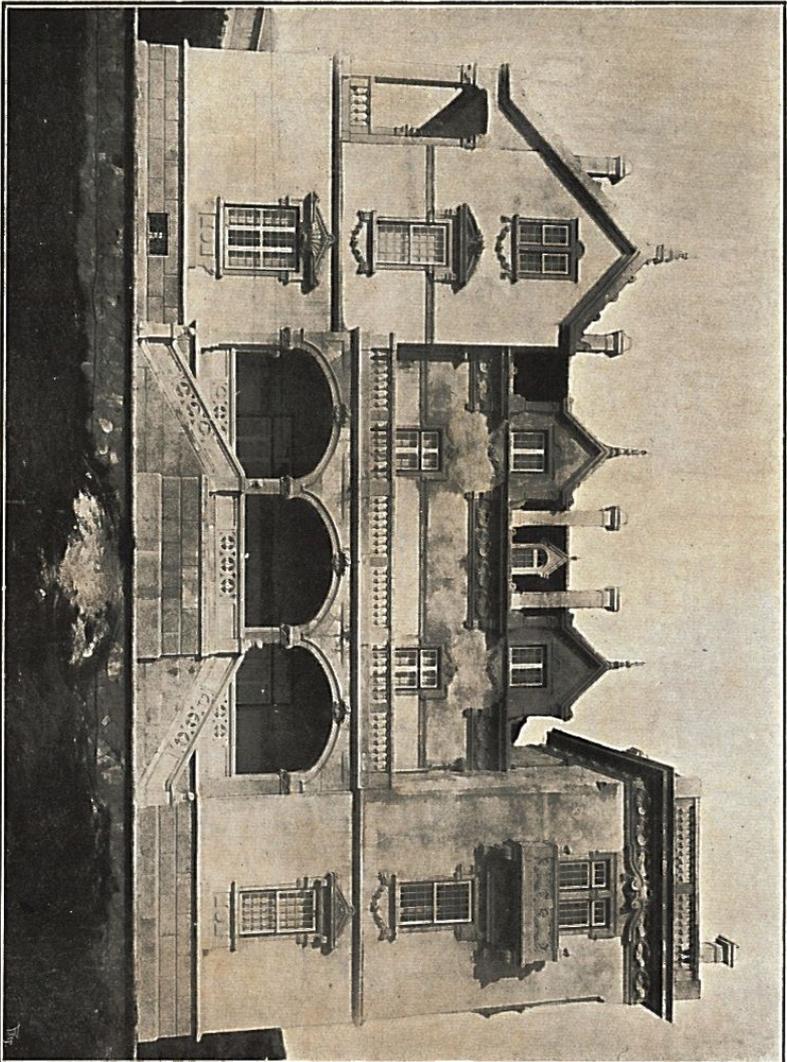
A fotografia da fachada do lado poente, foi tirada, graças á amabilidade do seu proprietario, do palacete do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Herold, aliás não se podia reproduzir.

Não devemos fechar esta noticia sem cumprirmos um dever, o que gostosamente fazemos, que é declararmos por este meio quanto satisfeitos estamos pelos trabalhos de photographia e zincografia executados para esta revista, nas officinos do nosso bom amigo, sr. Pires Marinho, que se não tem poupado a sacrificios de qualquer especie para que o trabalho que delas sae não tenha competidor, como realmente não tem em todo o país.

N. C.

**Palacete do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. José Maria Posser de Andrade**

No Monte Estoril



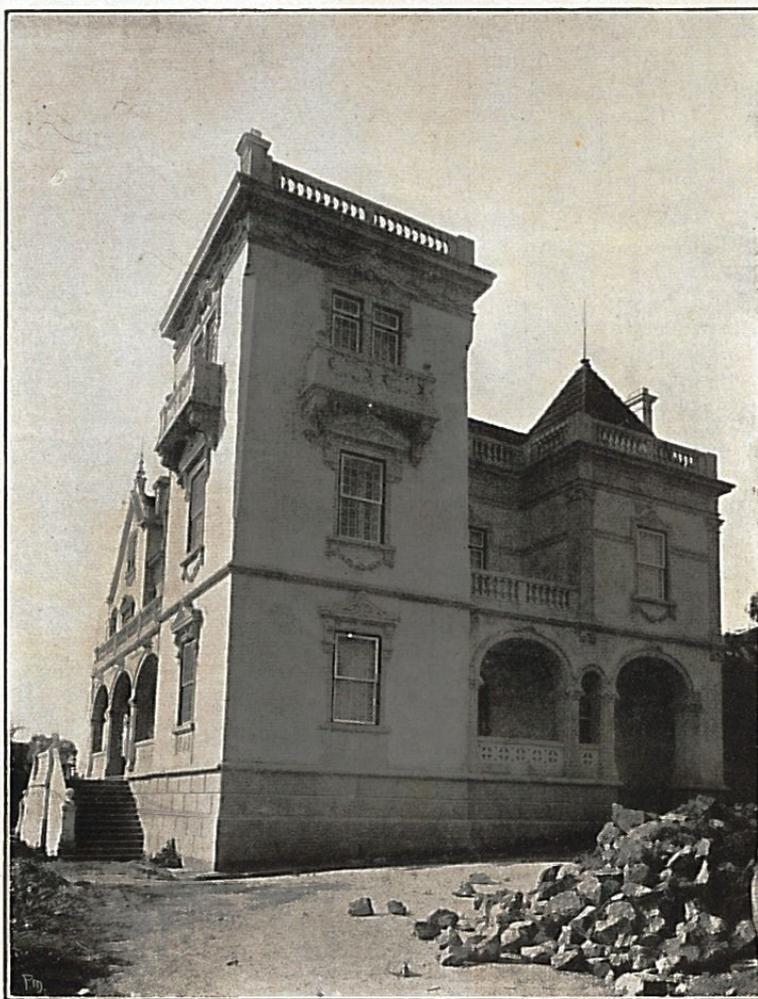
*fachada principal*

ARQUITECTO: ANTONIO COUTO

ANO VI—N.º 2

## Palacete do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. José Maria Posser de Andrade

No Monte Estoril



*Perspectiva das fachadas principal e lateral do nascente*